

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Hoje, dia 6 de junho de 1995, em Aguê, na casa do Sr. Clovis Olympio. Na Villa Octaviano. É isso que vosso pai, Christian construiu, ele mesmo.

CLOVIS OLYMPIO - Sim.

MG - Por suas próprias mãos. O senhor estava me explicando que ele mesmo desenhou tudo, ele não precisou de um arquiteto. Porque ele fez estudos na Alemanha.

CO - Sim, na Alemanha.

MG - Ele fez estudos do quê?

CO - Ele fez estudos comerciais, e em seguida, depois ele fez estudos gerais. E, depois, estudos sobre a arquitetura.

MG - Nessa época aí, o Sr. Octaviano já estava estabelecido em Lomé?

CO - Em Lomé.

MG - Ele mantinha negócios aqui, mas tinha negócios lá em Lomé também.

CO - Não. Octaviano Olympio que é o pai dele, vivia em Lomé. É de Lomé. Ele tinha plantações de coqueiros em Lomé. É de lá que ele enviou meu pai para a Alemanha, para fazer seus estudos.

MG - Por que ele foi para a Alemanha?

CO - Meu pai morreu. Meu pai nasceu em Lomé.

MG - Ele nasceu em Lomé?

CO - Octaviano, ele nasceu em Aguê. Ele foi para Lomé, para fazer seu comércio lá.

MG - Quanto tempo ele ficou lá? Eram os alemães [que estavam] lá.

CO - Depois, Aguê tornou-se uma cidade grande. Então, ele pôde fazer seus negócios lá. Ele plantou e depois ele foi fabricante de tijolos também. Ele fabricou, o primeiro governo alemão que se encontra na praia, em Lomé, na casa do meu avô, ele fabricou os tijolos para a sua construção.

MG - Tijolos, sim, eu vejo. Ele era fabricante de tijolos, o senhor disse.

CO - Sim, fabricante de tijolos.

MG - Ah, então. Mas senhor Francisco, o pai do Sr. Octaviano, ele se estabeleceu em Lomé também?

CO - Sim, sim. Primeiro, mas não muito tempo. Não muito tempo em Lomé. Ele se estabeleceu em Abidjan e no Gana. Foi do Gana que ele veio para cá.

MG - Aqui, em Aguê.

CO - Sim.

MG - Dizem que os Olympio foram os primeiros a chegar aqui em Aguê. Isso é verdade?

CO - Isso, eu acho que não.

MG - Antes tinha a Francisca, ela veio antes do yoyô Francisco.

CO - Ela veio de Abéokuta, da Nigéria.

MG - Da Nigéria. Ah, então foi ela que começou a cidade de Aguê?

CO - Sim.

MG - Ela também era brasileira?

CO - Não, não.

MG - Ela não era.

CO - Ela é da Nigéria. Ela é nigeriana.

MG - Ela é nigeriana. Mas ela passou pelo Brasil.

CO - Ela estava na Nigéria e quando teve, como eu diria? Queriam... Seu pai morreu e queriam estabelecê-la como... para substituir o pai dela. Ela não quis. É daí que ela fugiu. Para vir, depois de uma volta até chegar em Grande Popô, e depois em Aguê.

MG - Nessa época, Aguê era uma cidadezinha, uma grande cidade?

CO - Uma cidadezinha.

MG - Já existia?

CO - Sim. Então, as pessoas de Aguê a adotaram.

MG - Hum! As pessoas de Aguê a adotaram. Mas Francisca também é brasileira?

CO - Ah, isso eu não tenho certeza.

MG - Mas eu sim. Senão, como ela pode chamar-se Francisca. Francisca é um nome brasileiro. Ela nasceu na Nigéria, foi para lá e voltou, eu acho.

CO - É isso que eu ignoro, hein!

MG - Ela foi para lá. São famílias que retornaram.

CO - Está escrito isso?

MG - Yayá Francisca, cidade Abéokuta. Tem uma fama terrível no âmbito da cidade ???¹ Mas ela é chamada de Iva Yaya.

CO - Ya, porque uma pessoa que é velha, uma mulher que é velha, chamamos sempre por esse nome, Ya. Quer dizer, avó, em iorubá.

MG - Avó, em iorubá. Então, não é yayá, é ya. Então isso é o título em iorubá. Ah, sim, é verdade, porque as outras se chamavam Yayá.

CO - O que o senhor quer saber ainda?

MG - Oh, não, eu queria saber, então, vosso pai fez os tijolos lá e então ele...

CO - Meu avô paterno.

MG - Vosso avô paterno.

CO - Sim, é ele que fez os tijolos.

MG - E ele mandou seu filho na Alemanha, Octaviano.

CO - Sim. Tem ainda seus filhos. Tem ao todo 23 filhos.

MG - Octaviano teve 23 filhos.

CO - Sim, eles estão quase todos mortos. Só sobraram cinco agora.

MG - Então o Carlos é filho do Octaviano?

CO - Não, ele é filho da Epiphanie.

MG - Ah, então ele é irmão do Sylvanus.

CO - Quem?

MG - Carlos.

CO - Sim. É o irmão do Sylvanus. Carlos é o segundo filho de Epiphanie.

MG - O primeiro filho era Sylvanus. Então, Octaviano teve 23 filhos, entre eles Christian.

CO - Christian.

MG - E é o vosso pai.

¹ Dúvidas na transcrição.

CO - Sim. Tem, eu acho, essa aqui, a mãe de ???² Fazem dois, a mãe de Ebely e ???³ Faz três. A mãe de Agostino. Tem a mãe da coisa também. Então faz cinco. A avó de ???⁴ Faz seis. Meu pai era casado com sua prima consanguínea, quer dizer, a filha da tia dele, que nasceu Medeiros.

MG - Então, Medeiros, [era] a primeira mulher.

CO - Sim, a primeira mulher do meu pai. Ela nasceu Medeiros. A segunda é a Vitória. A terceira, é a Florida Berthe. Ela nasceu em Uidá. Ela é beninense. Só as duas primeiras são brasileiras.

MG - Diga-me uma coisa, Sr. Clovis. Há tempos atrás, faziam a *bourian* aqui, então cantavam canções em português, tudo isso, em brasileiro.

CO - Sim.

MG - O senhor se lembra de alguma palavra brasileira?

CO - Não.

MG - O senhor esqueceu tudo.

CO - Eu esqueci.

MG - Eu falei com vosso... Ah, vocês fazem ainda a *bourian* aqui?

CO - Tem um ano.

MG - Essa é a canção do final. Quando fazem a *bourian*, é isso. O senhor sabe o que isso quer dizer?

CO - Não.

MG - Isso quer dizer que o pandeiro, o instrumento que batemos em cima, que tem pequenas coisas muito raras. Tocaram tanto nele que ele furou.

CO - Ele está furado.

MG - Ele está furado. E como ele está furado, a festa acabou. De fato, é a última canção. E isso quer dizer o que, bom dia, como passou? O senhor compreende isso?

CO - Quer dizer bonjour, comment ça va⁵.

MG - Então o senhor se lembra disso.

CO - Ah, sim.

² Idem.

³ Idem.

⁴ Idem.

⁵ Bom dia, como vai, em francês.

MG - Vosso pai, ele falava isso?

CO - Não tanto. Mas o irmão mais velho dele, sim.

MG - Ah, era o irmão mais velho que falava isso.

CO - Que é o Augustino Olympio, o primeiro filho do meu avô.

MG - ???⁶

CO - Sim.

MG - Então, ele conhecia. É isso. Nessa época, era fácil de saber quem era brasileiro?

CO - Sim.

MG - Porque tinha as casas, as roupas, os costumes, as calças e tudo isso. Agora, todo mundo tem casas de alvenaria, todo mundo tem gravatas, todo mundo tem calças. E os brasileiros não falam “bom dia”, “como passou”. Então, como podemos reconhecer um brasileiro agora? Será que podemos reconhecer um brasileiro?

CO - Ah, sim, é possível. O que existe, aqueles que ensinaram a seus filhos a língua brasileira, que diz brasileira, diz também a língua portuguesa. É a mesma coisa. É interessante.

MG - Sim, é interessante. Eu me pergunto como é que vocês fizeram, porque a ascendência brasileira, como vocês olham em relação aos outros. Quer dizer, vocês sabem que ele é brasileiro, mas o outro que mora do lado não é brasileiro. Mas vocês sabem disso porque vocês conhecem o sobrenome da família?

CO - Sim, o sobrenome da família, é isso.

MG - Ah, é isso. Porque se não conhecemos o sobrenome, não tem como, porque todo mundo é igual agora, é isso?

CO - O nome daqueles que são brasileiros ou portugueses, termina sempre com a letra “o” ou a letra “a”. Tem os Pereira, os d’Almeida, os da Costa, os do Rego, os Monteiro. Meu avô materno, o pai da minha mãe, a mãe dele, o pai da minha mãe, a mãe dela, a mãe do meu avô, é Do Rego.

MG - Sim.

CO - Bom, ele casou, eu diria, com sua prima, ele casou com uma do Rego, que deu a luz à minha mãe.

MG - Ah, então a mãe do senhor é do Rego, nascida do Rego.

CO - Sim.

⁶ Dúvidas da transcrição.

MG - Diga-me uma coisa, Sr. Clovis. É bom ser brasileiro no Benim? É confortável?

CO - Oh, nós somos bem considerados assim mesmo.

MG - Vocês são bem considerados.

CO - Somos bem considerados. Sabem que são almas evoluídas, que vieram trazer, de qualquer forma, um pouco de civilização nas cidades onde passaram. Eles têm talvez outra maneira de viver do que os outros. Mas eles fizeram muito bem, de qualquer forma, porque meu avô aqui, meu avô paterno, depois de ter vivido no Gana, ele veio com seu pai aqui para Aguê. É aqui que ele nasceu. Mas indo para Lomé, ele levou muitas pessoas de Aguê que são mecânicos, pedreiros, carpinteiros, joalheiros, alfaiates, que trabalharam lá.

MG - Todos eles eram brasileiros?

CO - São pessoas daqui. Os nagôs, eles, vieram, as pessoas das quais eu falo, elas são da Nigéria. Porque eles falam a língua nagô. Então, quando precisavam de um operário competente nos serviços de lá, meu avô vinha buscar aqui [entre os brasileiros, supõe-se].

MG - O avô do senhor é o Francisco?

CO - Não, Octaviano.

MG - É Octaviano.

CO - Sim. Então, como meu avô fabricava tijolos lá, para a construção do governo, é aqui em Aguê que ele veio buscar operários, para trabalhar lá.

MG - O avô do senhor, Francisco, qual era o comércio que ele fazia?

CO - Ele fazia, evidentemente, no começo, é preciso dizer a verdade, eles praticaram o comércio da escravidão. Eles compraram escravos, tudo isso. Mas com o tempo, como a escravidão foi abolida, eles deixaram de lado, eles tiveram plantações, depois o comércio, eles encomendavam tecidos, tabaco, etc., e eles vendiam. Mas no início, eles praticaram também a escravidão.

MG - Vocês têm plantações de palmeira de óleo?

CO - Palmeira de óleo, coqueirais.

MG - O senhor sabe que o *cocotier*⁷, o *coco* aí, isso se chama coco da Bahia?

CO - *Coco* de Bahia.

MG - Ele veio da Bahia e depois fizeram a plantação aqui.

⁷ *Cocotier*, em francês, é coqueiral.

CO - A mandioca veio de lá.

MG - Sim, dizem também que a palmeira de óleo também.

CO - Sim, sim.

MG - Eu me pergunto se isso é verdade.

CO - Seria possível. Nós sabemos para o coqueiral, sabemos para a mandioca, ou o sapotizeiro, quer dizer “comé”.

MG - Isso quer dizer *manger* [comer], em português.

CO - Comer. Tem uma massa aqui que a gente prepara com a farinha de milho, então chamamos isso “*acume*”.

MG - *Acume*.

CO - Tinha um primo que nos explicou um dia que, pois bem, a palavra *acume* vem da língua brasileira. *Acume* quer dizer milho.

MG - Quer dizer comer. O milho é cru, fazem a farinha de milho, mas não dá para comer assim. Então, a gente mistura com água, coloca no fogo e faz uma espécie de massa. É isso. Dizemos: “Tá na mesa, eu fiz para comer”. E depois, quando está pronto, dizemos: “A comer!”. É pronto para comer.

CO - Entre nós ficou *acume*.

MG - Muitas palavras ficaram entre vocês. Palavras de pratos, enfim. Cozido.

CO - *Cuisido*, moqueca.

MG - Ah, moqueca também?

CO - Sim, sim. *Supado*.

MG - Como vocês fazem o supado?

CO - Tem que fritar o peixe antes de preparar o molho junto. É o peixe fresco tirado do mar.

MG - Que fazemos ferver na água? É igual entre nós [no Brasil], é a mesma coisa, é exatamente isso.

CO - E depois, bom, talvez que eu não pronuncio bem: mocotó.

MG - O senhor pronuncia muito, muito bem.

CO - Ah, bom?

MG - Mocotó é o osso do boi, não? É o que tem dentro do osso.

CO - A carne. Com a farinha de mandioca. Preparamos a massa e comemos isso.

MG - Eu não como, não gosto de mocotó.

CO - Quando tem uma festa bem grande na família, não deixamos de comer isso. Tem a feijoada.

MG - Até hoje?

CO - Fazemos isso, sim.

MG - Durante as grandes festas vocês fazem o mocotó e a feijoada.

CO - O cozido.

MG - Quando é que os Olympio fazem as grandes festas da família?

CO - É no mês de julho, 21 de julho. A cada ano festejamos isso na casa grande. Toda a família vem aqui. É data da morte do nosso avô Francisco.

MG - E esse ano, vocês vão fazer isso?

CO - Depois da morte do Sylvanus não fazemos mais.

MG - É muito perigoso juntar a família Olympio no mesmo lugar, eu vejo.

CO - Fizemos uma grande missa, mas os jovens insistiram, de qualquer forma. Fizemos duas antes da Conferência Nacional. Mas os jovens insistiram que, mesmo se não é uma grande festa, venham assim mesmo. Duas. Cada um traz sua parte, encomendamos uma missa, depois da missa vamos ao cemitério para rezar sobre o túmulo e depois a gente vem comer. Somos tão [?]⁸, mas essa festa aí, isso permite de se regroupar, de se rever.

MG - O senhor vê Sr. Clovis, eu, eu fui ao cemitério, eu vi o túmulo de Francisco, foi um jovem que me mostrou, e o túmulo de Francisco, todas as palavras estão escritas em brasileiro, todas as palavras. Mas o túmulo de Francisco é novo. Quer dizer, ele foi reformado, colocaram pedras não faz muito tempo.

CO - É isso.

MG - E as palavras que estão lá, elas já estavam escritas antes?

CO - Sim.

MG - Elas estavam escritas antes e copiaram.

CO - Sim, é isso.

MG - Colocaram uma pedra nova e copiaram isso. E quando foi que colocaram essa pedra lá, o senhor se lembra?

⁸ Parece estar escrito “nanheux”, mas não é uma palavra francesa.

CO - Não. Eu vivi muito tempo, vivi mais no Togo e depois na França.

MG - Do que aqui?

CO - Eu vim me instalar em Aguê em 1982.

MG - Diga-me uma coisa, Sr. Clovis. O senhor tem filhos?

CO - Sim, é esse e ainda uma filha. Eu não me casei rápido.

MG - Hum, o senhor pegou o tempo do senhor.

CO - Sim. E aí, depois do meu casamento, depois de dois, três anos, a primeira mulher me abandonou, não tivemos filhos. Foi porque não tivemos filhos que ela me abandonou. Então eu fiquei... Eu estava tão decepcionado, eu não queria mais ouvir falar de mulher, eu me afastei disso, porque eu amava tanto ela, nós estávamos bem, eu não procurei outras mulheres, eu não procurei outras mulheres com ela. O principio é que não tínhamos filho. Ela pediu o divórcio. E eu dei. Eu fiquei quinze anos sem... Solteiro. Aí, só foi depois que as pessoas me disseram - as tias, tudo isso: "Tu não podes ficar assim. Tu precisas se casar". E eu peguei a mãe desse aqui.

MG - E então, como ele se chama?

CO - Victor, como sua avó.

MG - E a mãe dele, como chama?

CO - A mãe dele chama Eugénie, e depois Virginie. Eugénie é o nome de batismo. Esi é o nome africano. Esi quer dizer: ela nasceu num domingo.

MG - Ah, ela nasceu num domingo. É bom nascer no domingo. E ela? O senhor tem também uma filha, não é?

CO - Uma filha, ela se chama Kátia.

MG - Kátia é um nome brasileiro.

CO - Hein! Ela tem apenas cinco anos agora.

MG - Cinco anos agora.

CO - Sim.

MG - E ele, tem que idade?

CO - Ele deve ter doze anos.

MG - Daqui a pouco.

CO - Daqui a pouco.

MG - O senhor sabe? Eu, eu tenho uma menina de cinco anos e um filho que vai ter daqui a pouco onze anos.

CO - Ah, bom?

MG - Então nós somos quase iguais.

CO - Para mim não é bom porque eu estava velho antes de ter filhos.

MG - Ah, não! O senhor tem 72 anos, não?

CO - 72.

MG - O senhor tem a vida diante de vós. Se você tem filhos, é preciso vê-los crescer, não pode ser apressado.

CO - É preciso que eu tenha como mimá-los. Quando eu me aposentei que eu tive meus filhos, isso não é bom.

MG - Ah, porque antes o senhor estava muito ocupado com o trabalho.

CO - Sim.

MG - É bom, a televisão não funciona, está aí.

CO - ???⁹ eles são numerosos. Eu pergunto quantos filhos Francisco teve.

MG - Eram muitos. Octaviano teve 23. Talvez Francisco teve 46.

CO - Oh, não. Talvez mais ou menos o mesmo valor ???¹⁰

MG - Vamos passar isso. Sabe o que vamos fazer?

CO - Não.

MG - O senhor vai se sentar diante de uma folha de papel com Jean e vocês vão escrever todos os filhos de Francisco. E depois você me coloca essa folha num envelope e me envia isso. Eu vou te dar o envelope e o selo, assim facilita é fácil. Diga-me uma coisa, Sr. Clovis. Qual era o trabalho do senhor?

CO - Eu sou técnico têxtil. Aprendi isso na Alsácia.

MG - Na Alsácia?

CO - Sim.

MG - Naquele tempo a Alsácia era francesa ou alemã?

CO - Ela era francesa.

⁹ Dúvidas da transcrição.

¹⁰ Idem.

MG - Ela era francesa então isso não faz muito tempo.

CO - Estive lá, eu acho, em 1947.

MG - Sim, era francesa.

CO - Depois de quatro anos de estudos superiores, eu fiz meu aprendizado, tudo isso aí. Eu fiz tecelagem, camisaria, tricotagem. Eu tenho duas irmãs e dois irmãos que estão lá ainda nesse momento. Atualmente somos somente três. Dois meninos e uma menina. Os outros estão na França.

MG - Eles moram lá?

CO - Eles trabalham na França.

MG - Eles fazem o quê lá?

CO - Tem um que trabalha no banco, a irmã é parteira, parteira do Estado. Ela tem a clínica dela em Lomé. Clínica Notre Dame de Lourdes, na estrada que vai para Bè. Mas, o senhor sabe, durante a conferência aqui, quando Gilles Christ teve seu acidente, minha irmã estava no mesmo carro que ele. Ela ficou tão chocada com esse acontecimento que ela ficou doente. É por isso que ela está na França agora, para se tratar. Ela estava no mesmo carro que Gilles quando atiraram nele. O tiro de fuzil passou bem do lado.

MG - Foi em que ano isso?

CO - Foi em 1992. Era um atentado.

MG - Atentado contra quem?

CO - Gilles Christ.

MG - Ah, sim, era o filho de Sylvanus. Ele se chama como esse [seu] filho aí?

CO - Victor.

MG - Como sua avó.

CO - Sim, como sua avó.

MG - E você, Victor, você também é brasileiro? Diz para mim.

CO - Ele está perguntando se tu és brasileiro.

VICTOR OLYMPIO - Não, eu não sou brasileiro.

CO - Tu és brasileiro. Tu nasceste no Benim, certo, é isso que ele quer dizer.

MG - Sim.

CO - Tu és de origem brasileira, enfim.

FIM